

Preparados para encarar desafios

**Carine Simas
Fabiana Donida**

Ter atitude empreendedora faz a diferença na vida de qualquer profissional. Empreender é batalhar para ter seu próprio negócio, mas é também realizar, buscar soluções, ser proativo, não importando a área em que se trabalhe nem o cargo ocupado. No IFRS, diferentes cursos possuem disciplinas que incentivam o empreendedorismo e buscam mesclar conhecimentos teóricos com vivências práticas, a fim de facilitar o desenvolvimento de competências necessárias para um empreendedor. Há também programas de extensão na área e os campi Porto Alegre e Restinga possuem incubadoras que dão suporte a pequenas empresas, incentivando a participação dos alunos de diferentes maneiras.

“O IFRS tem por propósito formar profissionais e cidadãos para a vida e para a sociedade, e formação é um conceito que vai além da informação. A disciplina de Empreendedorismo tem como um dos seus objetivos a sensibilização dos alunos para a atitude empreendedora”, diz o professor de Administração Raul Rosário, do Campus Farroupilha.

Coordenador do curso de especialização em Gestão Empresarial do Campus Porto Alegre, Duilio Castro Miles explica que postura empreendedora é quando um profissional age de forma a tomar iniciativas que se caracterizam pelo compromisso e pela responsabilidade de um empresário. “Tem empresas que incentivam este papel, ao ponto de ter se desenvolvido a função do intra-empreendedor,

aproveitando as características de empregados desejosos de avançar na sua relação com a empresa a que se vinculam, assumir desafios e ganhos mais expressivos, e parcialmente os riscos normais de uma atividade empresarial. Ao mesmo tempo teremos profissionais que assumem esta condição por inteiro e direcionam a sua carreira para se tornarem empresários.” Duilio sugere: “Devemos trabalhar com os alunos as competências que constituem o perfil do empreendedor ao longo dos cursos”.

Entre as ações de extensão na área de empreendedorismo realizadas no âmbito do IFRS em 2015, a Pró-Reitoria de Extensão (Proex) contabiliza 35 registros. Por meio da Proex, o Instituto também aderiu ao programa Bota pra Fazer, uma plataforma educacional para o desenvolvimento de cursos de empreendedorismo e criação de novos negócios do Instituto Empreender Endeavor. Em 2015, foram oferecidos para os estudantes cursos online gratuitos, ministrados por professores do IFRS capacitados como tutores.

O objetivo principal do Bota pra Fazer é incentivar o autoconhecimento do estudante e desenvolver sua capacidade empreendedora, auxiliando-o a identificar oportunidades e criar um novo negócio. Feito por e para empreendedores, apresenta ferramentas para que os alunos consigam tirar suas ideias do papel. Um dos alunos que participou do Bota pra Fazer, Marcos Dias Mathies, foi vencedor da Liga dos Campeões, competição de ideias de negócio da Endeavor (*leia mais na próxima página*).



Estudante do curso de Tecnologia em Processos Gerenciais, Marcos Mathies criou o projeto Central de Orçamentos

Ideia de negócio vencedora

Estar disposto a lidar com o aleatório e, por isso, a reinventar a estratégia constantemente são características importantes para um empreendedor. Essa é a opinião do estudante de Tecnologia em Processos Gerenciais Marcos Dias Mathies, do Campus Porto Alegre do IFRS. Ele foi um dos três vencedores da competição de ideias de negócios “Liga dos Campeões” no ano de 2015. O concurso, promovido pelo Instituto Empreender Endeavor, teve 200 inscritos no Brasil. “Empreendedorismo é questionar, o que é diferente de reclamar. Quando temos um problema, podemos tentar resolvê-lo ou ignorá-lo. Eu prefiro tentar resolver”, declara Marcos.

O estudante apresentou na competição o projeto “Central de Orçamentos - Sistema de Preços”, que busca agilizar compras de órgãos públicos pela lei da exclusividade para micro e pequenas empresas. Como vencedor, receberá consultoria da Endeavor para colocar a ideia em prática, o que está previsto para o segundo semestre de 2016.

Desde o final de 2015, quando venceu a competição, até meados de 2016, Marcos busca parcerias com órgãos municipais para desenvolver um protótipo do sistema. Ele observa que é uma fase em que tenta mostrar as vantagens da ideia, enfrentando resistências que a inovação costuma despertar. “Quando acreditamos no projeto, o importante é não desanimar”, afirma.

As compras de órgãos públicos brasileiros no valor de até R\$ 80 mil devem ser feitas exclusivamente com micro e pequenas



empresas. No entanto, isso nem sempre é fácil, explica Marcos. Ele conta que para pesquisar as possíveis fornecedoras em localidades próximas, é preciso recorrer à internet ou aos próprios estabelecimentos, mas às vezes não há interesse das micro e pequenas empresas, devido principalmente à burocracia do processo.

O projeto foi pensando para facilitar essa busca. Trata-se de um sistema online, que contempla uma plataforma web de pesquisa de preços a partir da base dados do Sistema de Cadastramento Unificado de Fornecedores (Sicaf) do poder executivo federal. Entre as funcionalidades, permite selecionar as localidades em que as microempresas estão inseridas, de acordo com a região a qual o órgão público atua, e gerar relatórios, pelo próprio sistema. Marcos, que é também servidor do Campus Porto Alegre do Instituto, diz que a ideia surgiu a partir dos desafios em sua prática como servidor público: “Sou pregoeiro e identifiquei as dificuldades que se tem na pesquisa de preços e na necessidade de cumprir a legislação”, observa.

Sem medo de errar

Foi durante o curso Técnico em Informática para Internet, no Campus Bento Gonçalves, que Filippo Petrolini tornou-se empresário, com a Filippo's Desenvolvimento Web. Na época, em setembro de 2014, trabalhava para uma agência de publicidade. Ele já havia feito um curso de empreendedorismo e afirma que os conteúdos da disciplina de Economia, Gestão e Empreendedorismo no curso técnico fortaleceram seus conhecimentos e auxiliaram na administração da empresa.

Atualmente, Filippo faz curso superior de Marketing na região metropolitana e a empresa está em ritmo mais lento. Mas diz

que, nestes dois anos, uma das maiores lições foi “aprender a errar”. “Eu errei muito em vários momentos, mas fui aprendendo sem baixar a cabeça. Se você não correr atrás, ninguém fará isso para você”, declara.

Para outros estudantes que têm vontade de abrir um negócio próprio, ele aconselha: “Eu diria para não terem medo de arriscar. Pode dar errado e é normal. Abrir um negócio não é algo que a pessoa acerta de primeira, o importante é gostar do que faz e ser persistente. E tenha contatos! Conhecer e se dar bem com um grande número de pessoas te dá uma enorme vantagem.”

Vivência prática

Promover iniciativas que possibilitem aos alunos ter vivências práticas de concretização de negócios é outra forma utilizada por docentes do IFRS com a finalidade de despertar o espírito empreendedor nos estudantes, em especial os do Ensino Médio. As ações têm nomes e metodologias diferentes, porém o objetivo é o mesmo: permitir a aquisição de experiência e aprendizados de uma forma estimulante. Confira algumas histórias.

Estudantes reabrem o bar do Campus Rio Grande

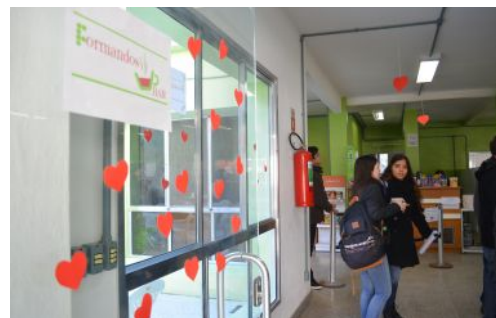
Mara Felipe

Depois de muito planejamento, organização e divisões de tarefas, cerca de 90 alunos formandos do Campus Rio Grande reabriram o bar da instituição. A atividade faz parte do projeto Miniempresa, desenvolvido na disciplina Gestão Empresarial, e foi chamada de “Formandos Bar”. Conta com a participação dos estudantes dos cursos técnicos de Geoprocessamento, Refrigeração e Climatização, Eletrotécnica, Informática para Internet, Automação Industrial e Fabricação Mecânica.

O grupo administrou o bar durante cinco semanas, em maio de 2016, dividido em equipes. O bar estava fechado desde março aguardando o resultado do processo de licitação para escolha da empresa que administrará o espaço a partir do segundo semestre de 2016.

“A ideia é que os alunos aprendessem na prática sobre as atividades que envolvem a gestão de um negócio. É uma vivência necessária para o jovem que não tem experiência e vai ingressar em breve no mercado de trabalho”, explica o professor Cleiton Ferreira, que ministra a disciplina de Gestão Empresarial no campus.

Para definir o que cada estudante faria,



foi aplicado um teste de aptidão e verificado o perfil dos alunos nas diversas funções, como atendimento, caixa, compras, cozinha, entre outros. Eles também programaram atividades paralelas para integrar os estudantes nos intervalos, como karaokê e música ao vivo.

Para ter capital inicial, os estudantes criaram um sistema de ações vendidas à comunidade. Qualquer pessoa pôde comprar somente uma ação, no valor de R\$ 12.

De acordo com o presidente do grupo de trabalho, Wendel Bittencourt da Silva, aluno do 4º ano de Geoprocessamento, o resultado foi melhor do que o esperado. “Em princípio, ficamos meio assustados, mas tudo foi se ajustando. Quem tem espírito empreendedor ficou muito animado. Agora penso em mais adiante avaliar a possibilidade de ter o meu negócio”, declara Wendel.

O que é empreendedorismo?

Dicionário Aurélio:

Atitude de quem, por iniciativa própria, realiza ações ou idealiza novos métodos com o objetivo de desenvolver e dinamizar serviços, produtos ou quaisquer atividades de organização e administração.

HSRICH, Robert. D. et al. Entrepreneurship. 1986:

Derivada do francês “entrepreneur”, a palavra significa realizar, executar, ou seja, o empreendedor é aquele que assume riscos e começa algo novo, caracterizado por personalidades ousadas que estimulam o progresso econômico, mediante novas e melhores formas de agir.

Aprender Fazendo

O Projeto Miniempresa “Aprender Fazendo” é desenvolvido por diferentes campi em parceria com a organização Junior Achievement. Oferece aos estudantes a oportunidade de se tornarem miniempresários por um período.

No Campus Osório, é realizado com as turmas do ensino médio integrado durante 15 semanas. A Junior Achievement orienta os processos e realiza auditoria permeando quatro áreas principais: marketing, produção, recursos humanos e finanças. A miniempresa é capitalizada a partir da venda das ações. A produção é realizada pelos próprios estudantes, os insumos são adquiridos no comércio local e os produtos são divulgados e comercializados local e regionalmente. O valor referente aos impostos recolhidos é destinado a uma ONG da região indicada pelos participantes.

As coordenadoras do projeto no Campus Osório, professoras Catia Eli Gemelli e Cintia Lisiane da Silva Renz, destacam que, nas três edições já realizadas, a escolha dos produtos confeccionados e comercializados demonstrou uma preocupação dos grupos com a sustentabilidade ambiental. Em 2013, o produto foi uma luminária sus-



tentável, produzida a partir do reaproveitamento de papéis. Em 2014, foi desenvolvida uma bolsa ecológica, com a reutilização de camisetas. No ano de 2015, o produto foi um “minigarden”, vaso ecológico feito de barro e palha de arroz, abundantes na região do litoral norte do Estado.

Projetos Premiados:

2014 - A miniempresa Ecoshirt S.A./E foi premiada pela Junior Achievement como Melhor Marketing, Melhor Relatório Final e Melhor Relações com a Comunidade entre as miniempresas da região metropolitana do RS.

2015 - A miniempresa Minigarden S.A./E foi premiada como Melhor Marketing e Melhor Rentabilidade entre as miniempresas da região metropolitana do RS.

Despertando o espírito empreendedor

Uma caixa térmica feita de embalagens de leite reutilizada foi o produto desenvolvido por aproximadamente 20 alunos do segundo ano dos cursos técnicos de Eletrônica e de Informática do ensino médio integrado do Campus Restinga participantes do Projeto Miniempresa neste ano de 2016.

É desenvolvido em 17 semanas, desde a estruturação da empresa com relação a marketing, produção, finanças e recursos humanos. Os alunos são orientados por voluntários, profissionais com experiência nas áreas, sendo que dois dos voluntários



são empreendedores do Parque Industrial da Restinga.

No Campus Restinga, o Miniempresa está vinculado ao Programa Despertar, ação de extensão com o objetivo de fomentar o empreendedorismo no campus, através de projetos e ações que contribuam para o desenvolvimento interpessoal e reforcem competências empreendedoras. O programa está articulado com ações de ensino, principalmente as disciplinas de empreendedorismo; e com o projeto de pesquisa Em(A)preendendo, o qual, a partir de um diagnóstico, auxilia na formatação de futuras ações de ensino, pesquisa e extensão para promover o empreendedorismo e a inovação. O Despertar conta ainda com outras ações, como o Em conexão, em que cada aluno acompanha um gestor, empreendedor ou profissional da área por um dia, os ciclo de palestra Diálogos Empreendedores e os Jogos Empresariais, torneio baseado em um jogo de simulação empresarial.

Empresa Simulada



Ofertado no Campus Osório desde 2015, o projeto Empresa Simulada surgiu da necessidade de maior aplicação prática dos conceitos abordados em aula nos cursos de Tecnologia em Processos Gerenciais e Técnico em Panificação, e do interesse dos estudantes em constituir uma “Empresa Júnior”.

A Empresa Simulada é desenvolvida com os alunos do último semestre e aplicada como atividade curricular nas disciplinas de Empreendedorismo e Desenvolvimento de Produto e Gestão de Equipes. “As atividades da empresa simulada envolvem os conhecimentos de diversas disciplinas ministradas ao longo de todo o curso, de forma que sua participação pode ser percebida como um resgate de todo o aprendizado”, explica a professora Catia Eli

Para valer

“Fazer Valendo”. O nome dá ideia do objetivo do projeto desenvolvido na disciplina de Empreendedorismo no Campus Farroupilha. Em grupos, os estudantes criam pequenos negócios que envolvam a comercialização de produtos e os resultados são revertidos para instituições filantrópicas. Participam alunos dos cursos de Tecnologia em Processos Gerenciais, Engenharias e Análise e Desenvolvimento de Sistemas. O projeto foi desenvolvido no primeiro semestre de 2016.

“A atividade Fazer Valendo começa no primeiro dia de aula e vai até o final, quando as experiências são apresentadas para a turma, assim como os resultados dos empreendimentos e o amor destinado a cada instituição social”, explica o professor de Administração Raul Rosário, responsável pelo projeto.

O docente conta que a turma se sente desafiada e motivada a buscar alternativas de fazer melhor, “desenvolvendo competências que vão além do conhecimento”. As equipes vivenciam o processo de gestão, expõem-se a situações de venda - negociando com fornecedores e consumidores - e de risco.

Um dos grupos optou por comercializar e

Gemelli, que coordena o projeto.

Utilizando-se do método “aprender fazendo” e sob a orientação de uma equipe multidisciplinar de professores das áreas de Engenharia de Alimentos e Administração, os alunos constituem uma empresa composta por quatro departamentos: Produção, Recursos Humanos, Financeiro e Marketing.

Os grupos trabalham de forma colaborativa, a fim de elaborar as estratégias de gestão e compartilhar os conhecimentos. A produção é realizada no laboratório de panificação do campus. “Os professores atuam como consultores e, ao final do projeto, cada empresa entrega um relatório, apresentando seus resultados em um evento de encerramento” comenta Catia.

Na primeira edição foram constituídas as empresas Ki Dog S.A./E, que produziu e comercializou cachorrinhos assados, e a Te-cookies S.A./E, que produziu e comercializou cookies. Os dois projetos apresentaram resultados positivos, superando os números previstos. “Enquanto os lucros são divididos entre os participantes para reverterem nos seus fundos de formatura, os valores referentes à tributação são destinados a entidades assistenciais”, conclui a coordenadora.



distribuir a cerveja artesanal produzida por um amigo. Para isso, precisou desenvolver uma marca, rótulos, estabelecer uma relação de custo e preço, revender. “Antes, colocamos as ideias no papel, mas o papel aceita tudo e na vivência vimos que não é bem assim”, observa o aluno Júlio César Gardini.

“Eu acredito que o aprendizado prático e o teórico se complementam. A teoria ajuda o cotidiano, pois nos poupa muita coisa e nos prepara para certas situações, mas a prática é rica, inusitada e nos coloca diante de situações que os livros não nos apresentam”, complementa a estudante Angélica Comin.

Incubadoras: força à inovação

No Instituto existem atualmente duas incubadoras, ligadas aos campi Porto Alegre e Restinga. Estruturadas para oferecer apoio a pequenas empresas, as incubadoras estimulam a integração da pesquisa e do ensino com o setor produtivo, configurando a extensão. Assim, materializam a proposta dos IFs de promover a interação com as comunidades locais em busca de um desenvolvimento mútuo. Seus eixos trabalham a economia solidária, o cooperativismo, a tecnologia social, o desenvolvimento local e a preservação ambiental.

“As incubadoras são uma forma de fomentar a inovação, o que é uma das nossas grandes missões institucionais”, observa a pró-reitora de Extensão do IFRS, Viviane Silva Ramos. Ela afirma que a Pró-Reitoria de Extensão (Proex) tem como meta, a médio prazo, regulamentar incubadoras em espaços dos campi.

Boas expectativas

Formalizar o serviço e expandir os negócios foi a percepção de Evandro Costa quando surgiu a oportunidade de implantar sua empresa na Incubadora Tecnológica Social do Campus Restinga, que está iniciando suas atividades em 2016.

Acadêmico do curso superior de Gestão Desportiva e de Lazer, e formado pelo curso Técnico em Guia de Turismo, ambos pelo Campus Restinga, é proprietário da empresa Turismo de Bolso juntamente com sua colega de curso Priscila Costa.

Evandro conta que começou as atividades na informalidade, pela dificuldade em se inserir nas agências de turismo. “Começamos ofertando passeios e excursões regionais para nossos familiares e conhecidos. A partir disso, passamos a oferecer cada vez mais passeios, alguns dando certo, outros não.”

A Incubadora do Campus Restinga foi idealizada com o objetivo de oportunizar e fortalecer a união da comunidade da Restinga com o Instituto, gerar emprego para os alunos e fortalecer a imagem da instituição perante a comunidade, relata Fabiano Giacomazzi de Almeida, gestor da incubadora.

A iniciativa consiste em pré incubar por um período de seis meses as empresas Projeto Impressora 3D, Turismo de Bolso e GT-Genius Tech, que possuem ideias inovadoras em suas áreas. Logo em seguida, as



empresas passam para a Incubação, que pode variar de dois a três anos até estarem aptas a ingressar por conta própria no mercado. “Durante o período de pré incubação, as empresas selecionadas deverão elaborar o plano de negócios e desenvolver sua ideia concomitantemente”, explica Fabiano.

Além de todo o suporte com a estrutura física – como utilização da recepção do campus, sala de reuniões, escritório com computador, telefone, mesa de trabalho e utilização da impressora quando necessário –, a Incubadora Social e Tecnológica oferecerá orientação às incubadas, como consultorias sobre formalização da empresa, planejamento, entre outras.

Para Evandro, as expectativas são as melhores possíveis com esta parceria, que pretende ofertar mais excursões regionais e expandir para viagens Nacionais e na América Latina além de atender as demandas de visitas técnicas e passeios do IFRS.

Pioneira no IFRS

Promover o desenvolvimento de empreendimentos solidários, identificar e desenvolver modelos e tecnologias de intervenção que levem em conta a complexidade da problemática do mundo do trabalho e das dimensões ecossociais, e contribuir para a difusão de uma cultura de solidariedade estão entre os objetivos da Incubadora Tecno-Social do Campus Porto Alegre, que tem por finalidade apoiar os empreendimentos, prestando principalmente assessoria técnica com a participação de estudantes e servidores do IFRS.

Em funcionamento desde 2011, foi a primeira Incubadora do IFRS e uma das primeiras do país em Institutos Federais. Devido ao potencial de crescimento que a rede apresenta para este tipo de programa de Extensão, é considerada uma referência no Estado.

O termo Tecno-Social, adotado desde início, mostra a preocupação com o caráter tecnológico e também social das iniciativas. “Começou incubando projetos de empreendimentos de economia solidária, já se preparando para, em um outro momento, incluir sob a mesma estrutura os empresariais”, comenta Duílio Castro Miles, que esteve frente a coordenação da incubadora.

“Antes éramos um grupo esforçado que sabíamos trabalhar apenas braçal, hoje também pensamos, planejamos e executamos. A incubação pelo IFRS nos ajudou a ter consciência e clareza do que é importante fazer”, afirma Josué Carvalho dos Santos, presidente da Cooperativa dos Catadores do Bairro Feitoria (Cooperfeitoria), que atua há mais de dez anos no município de São Leopoldo e é uma das três empresas incubadas no Campus Porto Alegre.

A Incubadora atualmente desenvolve um projeto de pesquisa e extensão junto ao Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (Proninc), realizado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o qual beneficia



três empreendimentos econômicos solidários, com incubação não residente (os empreendimentos não ficam em estrutura física do campus): Associação Porto Alegrense de Condutores Ambientais (Apaca); Cooperfeitoria; e Central de Cooperativas de Materiais Recicláveis do Vale Dos Sinos.

“Grande parte das expectativas foi alcançada nos primeiros quatro anos. A próxima fase de expansão para integrar os empreendimentos de base tecnológica será um grande desafio, pois implica a incubação dentro da instituição, que exige uma equipe acompanhando de forma permanente, apoiando em diversos aspectos, especialmente no desenvolvimento da gestão”, afirma Duílio.

Essa próxima fase, além de consolidar a atuação da Incubadora Tecno-Social como apoiadora de iniciativas de Economia Solidária, buscará implantar o apoio a empreendimentos econômicos de Tecnologia Inovadora, atendendo, portanto, à política de transferência do conhecimento científico e tecnológico fomentada pelo Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) do IFRS, explica Celson Roberto Canto Silva, atual coordenador do projeto.

Celson completa que serão desenvolvidas ações de reestruturação organizacional, com incremento de infraestrutura, com seis novos espaços, já em fase de conclusão e implementação de novos serviços de apoio aos empreendimentos.

O que diz a lei

Entre as finalidades e características dos Institutos Federais está, conforme o artigo 6º da Lei 11.892/2008, que criou os IFs:

VIII - realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico.

Carine Simas, Fabiana Donida e Mara Felipe são jornalistas do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS).